



Veículo: Diário do Pará		
Data: 16/05/2018	Caderno: Você	Página: 02
Assunto: Homenagem		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Neutra

Festa em Orun para Tatá Kinamboji

Professor, artista visual e militante pela cultura afro, Arthur Leandro morre aos 50 anos

Lais
Azevedo



lais.azevedo@diariodopara.com.br

Nos lugares terrenos por onde passou, silenciaram-se os tambores. Em Orun, o plano espiritual em que Arthur Leandro acreditava, os familiares e amigos esperam que a festa seja grande para recebê-lo. Professor da Faculdade de Artes Visuais da UFPA, fotógrafo e artista plástico com trabalhos expostos no Brasil e no exterior, além de um conhecido militante pela cultura afro-brasileira na Amazônia, ele faleceu na tarde de ontem, em Belém, gerando grande comoção. O velório ocorre na Igreja dos Capuchinhos e o sepultamento, hoje, às 11h, no Cemitério Santa Isabel.

A ativista pelo direito da igualdade racial Mаметu Muagilê lembra que

Arthur Leandro gostava de ser chamado apenas por Tatá Kinamboji, e que foi importante em muitos aspectos e para muitas pessoas, sendo, inclusive, membro eleito do primeiro Conselho Nacional de Cultura. “Perdemos uma grande referência, criador do primeiro festival de música afro-brasileira em Belém, da Rádio Exu e grande incentivador do projeto ‘Nós de Aruanda’ (que realiza exposição de artistas de terreiro). Todas essas iniciativas, feitas para o povo de comunidades tradicionais e o movimento negro, só podiam sair da cabeça de Tatá”, afirma.

Aos 50 anos de idade, Tatá Kinamboji tinha uma grande trajetória em várias áreas. Na academia, sua primeira graduação foi em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA, em 1992. Depois, veio o mestrado em Artes Visuais no Rio de Janeiro, em 2000. Além de professor da UFPA, era

colaborador do Instituto Nangetu de Tradição Afro-religiosa, coordenador da Rede Amazônica de Tradições de Matriz Africana e da Rádio Exu.

Sua ligação com a fotografia começou em oficinas da Fotoativa no início dos anos 1990. Com sua produção artística, participou de importantes coletivas, como o Salão Nacional de Fotografia (1993), em Porto Alegre, cujo tema era “Racismo e Diferença”; também de Ubiquita: in Scatola (1998), coletiva realizada em Milão, na Itália; e do Salón Internacional de Fotografia Abelardo Rodrigues Antes (1997), em Havana, Cuba. As individuais foram “Salve Quem Tem Fé!”, realizada em Recife, Belém e Aracaju, em 1994 e 1995, e “Nunca Fomos Tão Felizes”, de 1996, na Galeria Theodoro Braga.

A fotógrafa Úrsula Bahia conta que, ainda adolescente, foi com os trabalhos de Tatá Kinamboji que viu pela primeira vez uma ex-



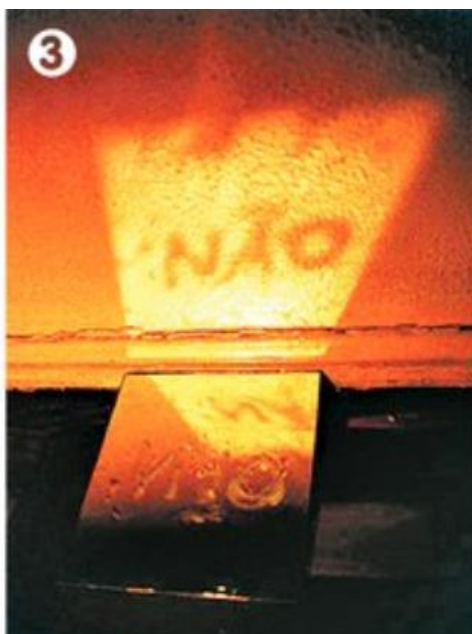
posição sobre religião de matriz africana. “Aquelas imagens nunca mais saíram da minha cabeça”. Anos depois, ela se tornou fotógrafa e trouxe o tema em sua primeira individual, batizada de “Quizomba” pelo artista e a ele dedicada. Já Eliane Moura afirma que toda vez que um filho de terreiro estiver expondo, Tatá deverá ser lembrado. “Foi graças à sua ideia que isso tudo aconteceu: ‘Nós de Aruanda’, ‘Reminiscências de N’ Zinga’ e tantos encontros, rodas e diálogos por ele pensados”.

Nas redes sociais, muitas mensagens foram deixadas em homenagem a ele e em solidariedade à mãe, Socorro Patello. “Que tristeza essa partida repentina de alguém tão necessário nestes tempos tão difíceis”, comentou o jornalista e ator Leandro Oliveira.

O artista João Cirilo postou um retrato a lápis de Arthur Leandro: “Minha homenagem a esse que foi um dos sujeitos mais questionadores e inquietos de nossas artes visuais”, escreveu Cirilo sobre o Arthur, que chegou a divulgar anúncio falso da

própria morte, em um jornal local, em 2002, para provocar questionamento.

A ativista Shaira Mana Josy lembrou o pedido do amigo para que escrevesse sobre o Festival de Música da Rádio Exu, organizado por ele: “Esse mundo estava pequeno demais para sua grandiosidade”. “Que Nzambi lhe receba em festa porque aqui você continuará sendo amado e festejado”, desejou Bábá Omioryan, do Fórum Afro Pará.



1 Arthur Leandro, ou Tatá Kinamboji, como passou a se chamar, criou projetos como o recente Prêmio Exu, primeiro festival de música afro-brasileira de Belém, e o projeto "Nós de Aruanda", que deu visibilidade a artistas de terreiro. **2** Imagem da série "Nunca Fomos Tão Felizes", realizada por Arthur Leandro nos anos 1900 **3** "Não-Negativo", série de 2002. FOTOS: REPRODUÇÃO FACEBOOK